

**Visão**

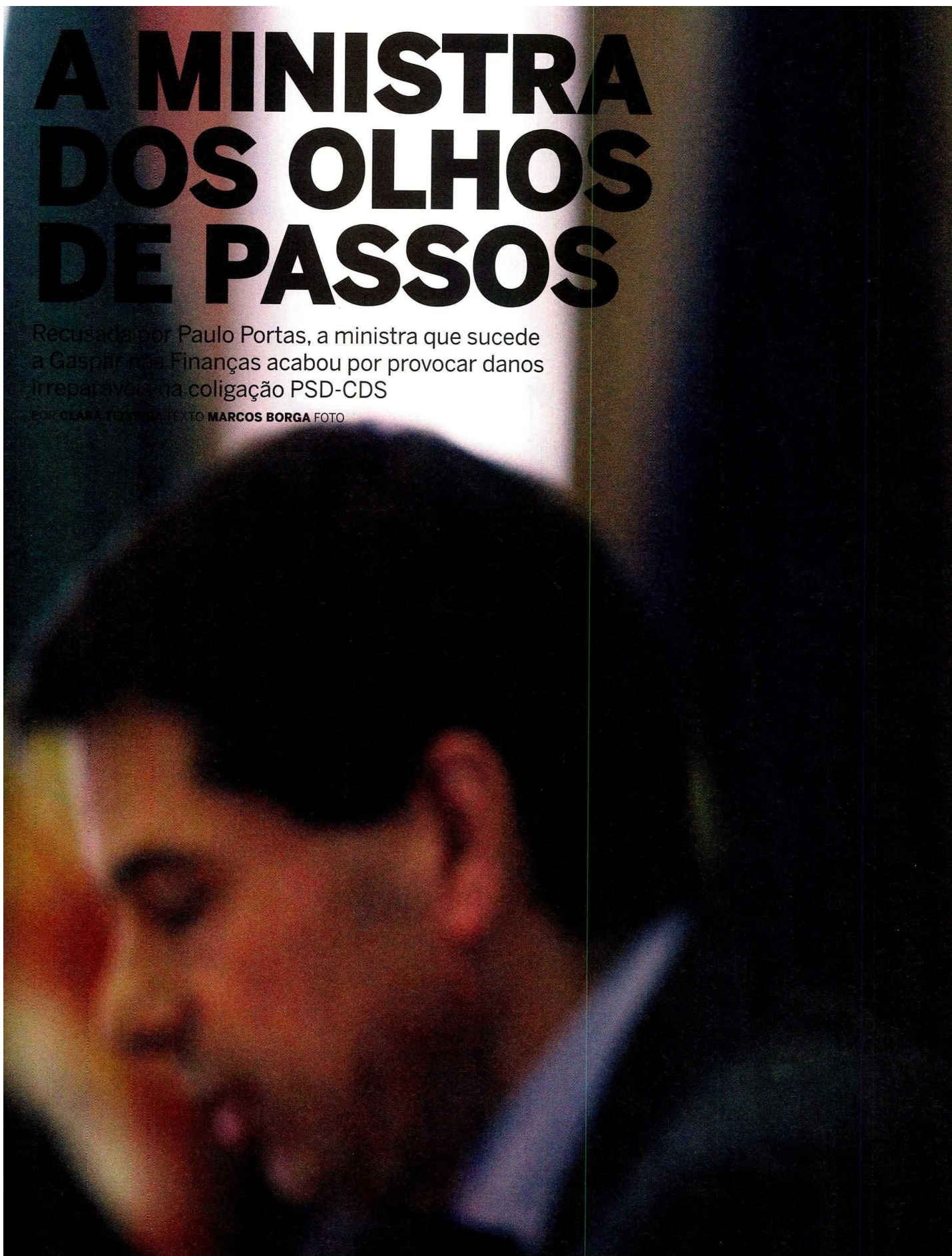
04-07-2013

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 132725**Temática:** Economia**Dimensão:** 2520**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 42 a 48

A MINISTRA DOS OLHOS DE PASSOS

Recusada por Paulo Portas, a ministra que sucede a Gaspar nas Finanças acabou por provocar danos irreparáveis na coligação PSD-CDS

POR CLARA FORTES | TEXTO MARCOS BORGIA FOTO



Visão

04-07-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Economia

Dimensão: 2520

Imagem: S/Cor

Página (s): 42 a 48



Poucos saberão o que passou pela cabeça de Maria Luís Albuquerque naquela interminável meia hora entre o anúncio da demissão de Portas e a sua tomada de posse em Belém, na terça-feira, 2. Mas a nova ministra nunca foi mulher para se deixar assolar pelas dúvidas, nem para ceder um centímetro que seja na condução das políticas de austeridade impostas pela *troika* – a não ser que Pedro Passos Coelho ou o partido assim o entendam. É nesse ponto que se distingue do seu antecessor no cargo, Vítor Gaspar, o rosto do programa de ajustamento económico que, nos últimos dois anos, governou como se não houvesse ciclos eleitorais. Por escolha pessoal do primeiro-ministro, Maria Luís será a anfitriã dos representantes da *troika* que, dentro de pouco mais de uma semana, aterram em Lisboa para iniciar o 8.º exame regular. Com ou sem Executivo em funções. Quem é, afinal, a ministra que sucedeu a Gaspar após o anúncio da sua nomeação ter despedaçado o Governo?

Como se verá de seguida, o perfil não encaixa nos estereótipos convencionais. Natural de Braga, formada em Economia, casada com um ex-jornalista da área económica, com quem tem 3 filhos, é, depois de Manuela Ferreira Leite, a segunda mulher a ocupar a pasta das Finanças. Aos 45 anos, criou fama de austera, competente, inteligente, trabalhadora, ambiciosa e calculista. Move-se com precisão e eficácia na arena política, construindo à sua volta uma teia de nomeações político-partidárias capaz de suportar a sua missão no Terreiro do Paço, independentemente da sua duração...

Uma estrela na política

Maria Luís e Vítor Gaspar não se conheciam, mas entenderam-se bem durante os dois anos que coabitaram no Ministério das Finanças. Formaram uma equipa coesa, apesar do falhanço nas metas orçamentais. Antes de integrar o Governo, como secretária de Estado do Tesouro e Finanças, estreou-se na política, como cabeça de lista do círculo eleitoral de Setúbal, pela mão de Pedro Passos Coelho, seu antigo aluno na Universidade Lusíada. «O aparecimento dela foi uma surpresa», conta Vieira da Silva, deputado e ex-ministro socialista que saiu vencedor dessas eleições. Na escolha, terá pesado a amizade que a unia a Passos Coelho e os conselhos que lhe dava. Como coordenadora do Núcleo de Emissões e Mercados do Instituto de Gestão da Tesouraria e do Crédito Público (IGCP),



Posse ensombrada O anúncio inesperado da demissão de Portas desviou as atenções da nova equipa das Finanças, liderada por Maria Luís Albuquerque

entre 2007 e 2011, era ela quem desenhava e executava as emissões de dívida pública, numa altura em que Portugal estava em risco de perder o acesso aos mercados. Vieira da Silva recorda-se de que a agora ministra «não causou impacto, mas também não foi um desastre». «Fez uma campanha discreta, notava-se que não tinha experiência, mas fez bem o seu papel. Era segura e sabia enfrentar uma plateia», conta. Maria Luís era uma estrela em ascensão na política e, por isso, Vieira da Silva não ficou surpreendido quando ela foi para o Governo. Antes, colaborou na equipa de António Nogueira Leite que, no início de 2010, redigiu o programa eleitoral da candidatura de Pedro Passos Coelho à liderança do PSD, e, de seguida, participou no programa eleitoral elaborado por uma equipa coordenada por Carlos Moedas, seu colega nas negociações com a *troika*.

Já no Ministério das Finanças, privatizou a EDP, a REN, a ANA mas falhou a venda da TAP, depois de uma negociação sensível com o empresário Germán Efromovich. Vendeu o BPN ao banco BIC, de capitais angolanos, num processo demorado e nem sempre transparente, que levou à formação de uma comissão de inquérito parlamentar. Entre as idas ao Parlamento e uma crescente exposição pública, decorrente da complexidade dos assuntos, foi ganhando traquejo político e um certo à vontade nos bastidores do partido, de que é militante recente. E também a admiração de Mira Amaral, o histórico do PSD que preside ao



DEMISSÕES Uma história mal contada...

As contradições entre Gaspar e a sua sucessora, a propósito dos swaps, nas horas que antecederam as mudanças no Governo

1 Terça-feira, 25 de junho, na Comissão Parlamentar de Inquérito aos swaps

«Quando este Governo entrou em funções, o problema relativo aos swaps contratados por empresas públicas já existia, tendo mesmo motivado a emissão de dois despachos do anterior secretário de Estado do Tesouro [Costa Pina], em 30 de janeiro de 2009 e 09 de junho de 2011. Apesar disso, na transição de pastas, nada foi referido a respeito desta matéria.»

Maria Luís Albuquerque
(na altura secretária de Estado do Tesouro, atual ministra de Estado e das Finanças)



3 Domingo, 30 de junho, comunicado do Ministério das Finanças

«A questão foi abordada na reunião de transição entre o ex-ministro Teixeira dos Santos e o atual ministro, Vítor Gaspar (e, depois, no encontro que teve a presença dos secretários de Estado do anterior Executivo). A reunião decorreu num espírito de colaboração e cordialidade.»

Vítor Gaspar
(ministro de Estado e das Finanças)

5 Segunda-feira, 1 de julho, carta a Pedro Passos Coelho

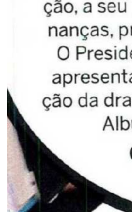
«A MINHA SAÍDA É AGORA, PERMITO-ME REPETIR, INADIÁVEL.»

Vítor Gaspar

7 Segunda-feira, 1 de julho, 17 horas

«O Presidente da República aceitou a proposta, apresentada pelo primeiro-ministro, de exoneração, a seu pedido, do ministro de Estado e das Finanças, prof. doutor Vítor Louçã Rabça Gaspar. O Presidente da República aceitou a proposta, apresentada pelo primeiro-ministro, de nomeação da dra. Maria Luís Casanova Morgado Dias de Albuquerque para o mesmo cargo.»

Comunicado da Presidência da República



2 Sábado, 29 de junho, declarações à Lusa

«Na altura da transição de pastas, eu tive uma reunião num sábado, nas vésperas da tomada de posse do novo Governo, dia 18 de junho [de 2011], com o atual ministro das Finanças. Durante a conversa a dois, o professor Vítor Gaspar interrogou-me sobre esta matéria, porque tinha tido informações quanto a algumas situações que, de facto, mereciam preocupação. E eu sugeri-lhe que, sendo esta uma matéria que estava a ser conduzida pelo secretário de Estado, que aguardássemos pela parte seguinte da reunião, onde todos estaríamos juntos, e o secretário de Estado informá-lo-ia sobre o que estava em curso e o que tinha sido feito. E assim foi.»

Fernando Teixeira dos Santos
(ex-ministro das Finanças do anterior Governo)

4 Segunda-feira, 1 de julho, às 12 horas, no primeiro briefing diário do Governo

«Mais uma vez venho reiterar que na pasta de transição entre mim própria e o anterior secretário de Estado do Tesouro e das Finanças [Carlos Costa Pina], nada consta sobre a matéria dos swaps. A questão que se colocou sobre a reunião entre os dois ministros ocorreu a 18 de junho, altura em que eu nem sequer conhecia o atual ministro de Estado e das Finanças, e na qual não estive obviamente presente. Terá sido dito que teria sido pedida informação às empresas, mas não havia nenhuma documentação nem nada de novo a transmitir.»

Maria Luís Albuquerque



6 Segunda-feira, 1 de julho, às 15.59

«REMODELAÇÃO EM CURSO: GASPAR PODE SAIR»

Notícia da TSF

8 Terça-feira, 2 de julho, 16:27, meia hora antes da tomada de posse da nova ministra das Finanças

«Apresentei hoje de manhã a minha demissão do Governo ao primeiro-ministro. São conhecidas as diferenças políticas que tive com o ministro das Finanças. A sua decisão pessoal de sair permitia abrir um ciclo político e económico diferente. A escolha feita pelo primeiro-ministro teria, por isso, de ser especialmente cuidadosa e consensual. O primeiro-ministro entendeu seguir o caminho da mera continuidade no Ministério das Finanças. Respeito mas discordo. Expressei, atempadamente, este ponto de vista ao primeiro-ministro que, ainda assim, confirmou a sua escolha. Em consequência, e tendo em atenção a importância decisiva do Ministério das Finanças, ficar no Governo seria um ato de dissimulação. Não é politicamente sustentável, nem é pessoalmente exigível.»

Paulo Portas, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros



banco BIC, que não se cansa de lhe elogiar o profissionalismo, a capacidade de comunicação e o domínio técnico dos dossiês.

Durante estes dois anos, tornou-se presença habitual em Bruxelas, participando com Vítor Gaspar nos encontros de ministros das Finanças da União Europeia e também com Passos Coelho nos conselhos europeus onde se discutiam matérias económicas. Em Lisboa, nunca gostou do frente a frente com os media, trocando de bom grado as conferências de imprensa pelos menos agressivos encontros informais com um grupo de jornalistas previamente selecionado pelo gabinete de imprensa do Ministério.

Nomeações polémicas

Não sendo uma desconhecida no extenso e labiríntico edifício amarelo do Terreiro do Paço – entre 1996 e 1999 foi técnica superior da Direção-Geral do Tesouro e Finanças, e em 2001 desempenhou funções de assessora do secretário de Estado do Tesouro e das Finanças, Manuel Baganha, durante o Governo socialista de Guterres –, o seu regresso nem sempre correu de feição. Uma pequena copa, equipada com armários, bancada com lava-loiças e micro-ondas com que brindou os funcionários do seu gabinete, tornou-se notícia no *Correio da Manhã*. Manteve-se no centro das atenções mediáticas quando convidou para sua chefe de gabinete Maria Luísa Pinto Baganha, casada com Manuel Baganha, que, depois da passagem pelo Governo, foi nomeado pre-

O País de Vítor Gaspar

Em dois anos, nem tudo correu como o ex-ministro das Finanças esperava. Sobretudo no que diz respeito ao défice e ao desemprego



* Taxas das Obrigações do Tesouro a 10 anos

FONTES INE; Eurostat; Banco de Portugal; Bloomberg

INFOGRAFIA VISÃO

sidente do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. A experiência viria a revelar-se um erro de *casting* e a adjunta acabou substituída.

Há um ano, política e governação voltaram a misturar-se. Envolvida num alegado desvio de dinheiros que serviriam para pagar a renda do PSD de Almada, Ana Dias Moura, ex-dirigente do PSD de Almada e secretária pessoal de Maria Luísa, demitiu-se dessas funções. Mas continuou a trabalhar no apoio técnico-administrativo à secretá-

ria de Estado, contando com o apoio pessoal de Maria Luísa. Nos meses seguintes, a governante continuou a privilegiar pessoas com quem se cruzara no seu percurso profissional. À Refer, onde foi diretora de gestão financeira entre 2001 e 2007, foi contratar António Costa Vaz, «para realizar estudos no âmbito da sua especialidade». Em agosto de 2012, promoveu o antigo diretor financeiro, Alberto Diogo, com quem colaborou, a administrador da empresa pública. Recentemente, propôs Alfredo Vicente Pereira, um ex-vice-presidente da Refer, para a administração da Parque Escolar, mas este recebeu parecer negativo da Comissão de Recrutamento e Seleção para a Administração Pública (CRESAP).

MARIDO DE MARIA LUÍS CONTRATADO PELA EDP

O ex-jornalista, dispensado do *Diário Económico*, acaba de assumir funções de consultor na empresa que a mulher privatizou

António Albuquerque, jornalista da área económica dispensado pelo *Diário Económico* há cerca de dois meses, começou recentemente a prestar serviços de consultoria nos projetos fora de Portugal do grupo EDP, segundo apurou a VISÃO. Albuquerque é casado com Maria Luísa, a nova ministra das Finanças que, no último dia de 2011, enquanto secretária de Estado do Tesouro, concluiu a venda de uma participação de 21,35% na elétrica aos chineses da Three Gorges, por 2 700 milhões de euros. A EDP, presidida por António Mexia, é hoje uma empresa cem por cento privada, maioritariamente detida por aquele grupo estatal chinês.

O ex-jornalista ingressou no *Diário Económico* depois de uma passagem pela agência de comunicação Cunha Vaz & Associados. Após a nomeação da mulher para o Tesouro, no final de junho de 2011, deixou de exercer cargos executivos naquele diário especializado em economia, detido pela Onging. Em finais de 2012, foi incluído numa lista de cerca de duas dezenas de funcionários a dispensar pela empresa, tendo chegado a um acordo de rescisão há cerca de dois meses. Seguiram-se algumas semanas no desemprego, até ser contratado, a prazo, pela EDP, com as funções de consultor. Esta informação foi prestada por um porta-voz da elétrica, sem precisar, no entanto, a data nem o âmbito do processo de recrutamento a que o marido da ministra das Finanças foi sujeito. Contactado pela VISÃO, António Albuquerque disse nada ter a acrescentar ao que a EDP já tinha confirmado.

Trabalho de formiguinha

Em outubro de 2012, a estrela de Maria Luísa ficou um pouco mais pálida quando perdeu a pasta das Finanças, passando-a a Manuel Rodrigues, um dos mais jovens governantes de sempre. Contrariamente ao que chegou a ser avançado, não deixou escapar o pelouro das privatizações, que manteve apesar de duas das alienações – da EDP e da REN – estarem a ser investigadas pelo Ministério Público. No final desse ano, avançou com a venda da TAP, mas o processo borregou à última da hora, por falta de garantias bancárias do candidato Germán Efromovich. Dias depois, a venda da ANA, por um valor superior a 3 mil milhões de euros, coroou de glória o esforço de alienação de empresas públicas que, em ►

Visão

04-07-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Economia

Dimensão: 2520

Imagem: S/Cor

Página (s): 42 a 48

- pouco mais de um ano, permitiu ao Estado encaixar 6,4 mil milhões de euros.

O tão desejado regresso de Portugal aos mercados, que viria a concretizar-se ainda em 2012, foi outra vitória a juntar ao seu palmarés. Maria Luís Albuquerque não escondeu a satisfação com o sucesso da primeira emissão de dívida pública de longo prazo, que registou uma procura muito superior à oferta. Depois de semanas passadas em *roadshow* no estrangeiro, confessou ter aberto uma pequena garrafa de champanhe com a equipa do IGCP, liderada por João Moreira Rato. «Os Investidores internacionais adoram-na. Fala a linguagem dos mercados, num inglês fluente. Uma admiração que é partilhada por Bruxelas», disse à VISÃO um economista conhecedor dos mercados.

O seu trabalho de formiguinha é, por isso, reconhecido dentro e fora do Governo. Mas a aura dourada perdeu definitivamente o brilho em março, com a gestão do polémico caso dos contratos de derivados (*swaps*). Como diretora de gestão financeira da Refer, assinou dois contratos de alto risco, considerados problemáticos pelo IGCP. Vítor Gaspar e Passos Coelho saíram em sua defesa, defendendo que os contratos eram «complexos mas não tóxicos», e a própria Maria Luís Albuquerque foi à comissão de inquérito parlamentar garantir que a carteira da Refer tinha sido eliminada com lucro. Mas a decisão de tomar a seu cargo as negociações com os bancos, para o fecho antecipado dos contratos tóxicos de diversas empresas públicas, não foi compreendida pelos partidos da oposição, que exigiram a sua demissão do cargo. A deputada Ana Drago, do Bloco de Esquerda, chamou-lhe «Senhora Swap». «Também já me chamaram senhora BPN», respondeu-lhe a secretária de Estado, aparentando uma grande calma.

Pragmática, a governante sempre deu provas de manter a serenidade no meio da tormenta, mesmo em assuntos difíceis como a nomeação da nova administração da CGD, onde tem tido alguma dificuldade em acertar nos nomes, depois de ter sido apontada como a causadora da demissão, com estrondo, do economista António Nogueira Leite.

No mesmo dia em que inaugurou os *briefings* do Governo, para garantir que Vítor Gaspar não lhe tinha passado a informação do anterior Governo sobre os contratos de *swap*, Maria Luís Albuquerque foi a escolha do primeiro-ministro para ocupar o cargo de ministra das Finanças. Aceitou, e com essa decisão, provocou a demissão de Paulo Portas e um abanão na coligação que incendiou o Governo de Passos Coelho. ▣